

INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS DO AUTISMO: MÉTODOS E POSSIBILIDADES.

JULIANA PEREIRA

MARCELLA RIBAS

VICTÓRIA RIBEIRO

LUCI MARA DA SILVA LUNDIN.

lu.lundin@uol.com.br

RESUMO

O referido artigo está organizado da seguinte forma: expor, inicialmente, uma concepção ampla sobre o autismo, as relações que devem ser estabelecidas desse transtorno com o ensino regular, e posteriormente, utilizar estratégias na escolarização dessas crianças, ressaltando os desafios que encontram para então resolver a problemática que está voltada à motivação na aprendizagem. E para que isso aconteça, o professor precisa saber despertar na criança o desejo de saber. O trabalho trata, de maneira geral, de estratégias utilizadas na escolarização de alunos com autismo, suas interações com outras crianças e com o ambiente com o qual convive, promovendo a construção de uma rotina que contribua para o seu desenvolvimento social, cognitivo e motor. De modo com que, as estratégias pedagógicas possam favorecer a participação e aprendizagem de alunos com autismo.

Palavras-chave: Autismo, Aprendizagem, Motivação, Inclusão.

ABSTRACT

This article is organized as follows: to expose, initially, a broad conception about autism, the relationships that should be established of this disorder with regular education, and later, use strategies in the schooling of these children, highlighting the challenges they encounter to then solve the problem that is focused on motivation in learning. And for this to happen, the teacher needs to know how to awaken in the child the desire to know. The work is, in general, strategies used in the schooling of these students, their interactions with other children and with the environment with which they live, promoting the construction of a routine that contributes to their social, cognitive and motor development. So pedagogical strategies can favor the participation and learning of students with autism.

Keywords: Autism, Learning, Motivation, Inclusion.

INTRODUÇÃO

Encontramos uma grande diversidade de crianças que apresentam diferentes tipos de deficiências ingressando na escola de todos os níveis, precisando assim, de um atendimento diferenciado dos demais alunos. Levando em consideração essa vertente, temos as crianças que se identificam dentro do espectro autista.

Autismo é um transtorno caracterizado por diferenciações no comportamento do sujeito, especialmente na área da comunicação e das interações sociais desde os primeiros anos de vida. Dentro desse quesito onde vários autores apontam que os professores precisam estar preparados e capacitados para assim poder trabalhar e atender a todas as crianças que se encontram na escola.

Porém, sabemos que muitos profissionais da educação passam por dificuldades no dia a dia por falta de conhecimento e capacitação, precisando assim se aprofundar no assunto, para melhor atender às necessidades desses estudantes e inclui-los na sala de aula.

A temática abordada neste artigo mostra a importância de compreender a necessidade do esforço coletivo para que a escola possa ser vista como um ambiente de construção do conhecimento, que favoreça o desenvolvimento global do sujeito, e que os alunos inseridos nesse processo, independente das dificuldades, sejam beneficiados com as propostas educacionais. Além disso, buscamos despertar um olhar reflexivo sobre o campo empírico no qual a criança autista está sendo incluída: a escola regular.

Nosso objetivo é desenvolver um estudo sobre autismo e identificar maneiras de como trabalhar esse transtorno dentro da escola regular, caracterizando a criança autista e também conhecendo métodos para estimular esses alunos, que frequentam a escola regular nos 1º e 2º anos do Ensino fundamental, para melhorar seus processos de aprendizagem.

Nesse sentido, é de grande relevância o estudo dessa temática, considerando a perspectiva da inclusão e suas implicações para os processos de ensino e aprendizagem (PEREIRA, 2006).

Portanto, faz-se necessário organizar propostas pedagógicas condizentes com as especificidades dos alunos com vistas ao desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.

Para alcançar o objetivo citado, a metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica e documental fundamentada nos pressupostos de inclusão, suas diretrizes e também nos livros de referência sobre o tema como de Pereira (2006), Costa (2006), Nogueira (2007), Melo (2007) e Suplino (2005).

Para que a inclusão seja uma realidade, é preciso rever políticas públicas e práticas pedagógicas, além de outras barreiras não só arquitetônicas como também atitudinais. Nessa perspectiva, é importante ressaltar, caminhos para contribuir com os alunos autistas na organização do seu dia a dia, bem como na tarefa de se comunicar com os outros e de ingressar em qualquer espaço social.

A inclusão escolar do autista é para escola um desafio ainda maior, uma vez que a manifestação dos comportamentos estereotipados tem maior proporção no âmbito social, representando uma dificuldade significativa para se estabelecer relações comunicativas e afetivas do sujeito e seus pares.

O professor tem papel central no processo de inclusão escolar. Faz-se necessário que esse profissional visualize as diferentes necessidades dos alunos e organize práticas com vistas a garantir o acesso, permanência, participação e aprendizagem do aluno com deficiência (COSTA, 2006).

Este artigo foi fundamentado nas ideias dos seguintes autores, que embasam a pesquisa e norteiam os objetivos traçados.

1. SOBRE TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Autismo é um conceito novo. Por ainda não ter uma causa específica definida, é chamado de Síndrome (conjunto de sintomas) e como em qualquer síndrome o grau de comprometimento pode variar do mais severo ao mais brando e atinge todas as classes sociais, UNISANTA HUMANITAS -p.56-75-Vol.9 nº2-2020

em todo o mundo. Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner, publicou um artigo no qual descrevia uma síndrome “rara” caracterizada por uma série de sintomas, a qual chamou autismo.

De acordo com Nogueira (2007), a maioria dos autistas tem a aparência física de uma criança normal, porém o comportamento é diferente. Reconhecer o autismo é difícil até para médicos, pois ele não é uma doença. A psiquiatria moderna o define como um distúrbio do desenvolvimento.

Em seu livro, Melo (2007, p.72) apresenta alguns sintomas que são fundamentais para identificar uma criança com autismo:

Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo.

Stelzer (2010) também afirma que o conceito de autismo sofreu diversas modificações durante os anos, mas, ainda recebe os mais variados diagnósticos médicos, indo desde o transtorno obsessivo-compulsivo, personalidade esquizoide, esquizofrenia, transtornos de humor, até, deficiência mental isolada. Mesmo assim, hoje, o quadro clínico do autismo é bem definido e caracterizado como um conjunto de sintomas e dificuldades, manifestando-se comprometimento do relacionamento social, por comportamento repetitivo, por dificuldades de linguagem, além da persistência em determinadas rotinas não funcionais.

2. CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

Em 1944, Hans Asperger, um médico austríaco escreve um artigo com o título Psicopatologia Autística da Infância, descrevendo crianças bastante semelhantes descritas por Kanner. Atribui-se tanto a Kanner como a Asperger a identificação do autismo, sendo que por vezes encontramos seus estudos associados a distúrbios ligeiramente diferentes. Autismo é uma

UNISANTA HUMANITAS -p.56-75-Vol.9 nº2-2020

síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. (MELLO, 2007, p. 16).

Para Suplino (2005), o autismo é um problema neurobiológico que se manifesta normalmente em crianças antes dos dois anos e meio de idade e quanto à prevalência é mais comum em meninos que em meninas. As crianças se mostram aparentemente indiferentes ou, até mesmo, avessas a demonstrações de afeto e ao contato físico, embora às vezes surja mais tarde uma ligação mais estreita com pais ou certos adultos. O desenvolvimento da fala nessas crianças é lento e anormal, senão ausente, caracterizando-se pela repetição daquilo que é dito por terceiros ou pela substituição das palavras por sons.

O autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), diagnóstico totalmente diferenciado de um quadro psicótico, passou a classificar esta condição com uma síndrome e referir-se à mesma como Autismo Infantil Precoce, ela apresenta as principais dificuldades de contato com pessoa, desejo obsessivo de manter as situações sem alterações, ligação especial com objetos. (SUPLINO, 2005, p.16).

De acordo com Nogueira (2007), a maioria dos autistas tem a aparência física de uma criança normal, porém o comportamento é diferente. Reconhecer o autismo é difícil até para médicos, pois ele não é uma doença. A psiquiatria moderna o define como um distúrbio do desenvolvimento. Em seu livro, Melo apresenta alguns sintomas que são fundamentais para identificar uma criança com autismo: Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo. (MELO, 2007, p.72).

O autismo vem sendo bem mais divulgado, o número de casos diagnosticados vem crescendo e acontecendo em idades cada vez mais precoces, porém ele ainda surpreende, devido à diversidade de sintomas que pode apresentar.

A criança apresenta falta ou exagerada reação a sons e dor, incapacidade de reconhecer situação de perigo, dificuldade de se relacionar, problemas de linguagem e alterações de

comportamento. Geralmente a criança autista apresenta aparência normal e ao mesmo tempo um perfil de desenvolvimento irregular. O autismo, intriga e angustia as famílias nas quais se impõe, pois, a pessoa com autismo, geralmente, tem uma aparência harmoniosa e ao mesmo tempo um perfil irregular de desenvolvimento, com bom funcionamento em algumas áreas enquanto outras se encontram bastante comprometidas. (MELLO, 2007, p. 12).

Os autistas têm dificuldades de comunicação e interação social, normalmente são agitados, não gostam de sair da rotina. Não conseguem olhar nos olhos de outras pessoas e demoram a começar a falar, isso quando falam. Segundo o neurologista José Salomão Shchwartzman, mais de 70% dos casos não são diagnosticados, pois os pediatras não sabem diagnosticar.

Quando o diagnóstico chega, algumas famílias não querem aceitar que o filho tem um sério comprometimento individual, e procuram ajuda em diversos lugares, outras preferem não querer enxergar que o filho é autista. Existem alguns passos indicados pela AMA – Associação de Amigos do Autista, que os pais ao receberem o diagnóstico de autismo devem seguir para lidar da melhor maneira possível com esse transtorno.

A experiência da AMA que é uma experiência de pais e de educadores de pessoas com autismo, constatou a importância de três caminhos a serem conscientemente buscados pelas famílias que se deparam com a questão do autismo em suas vidas: Conhecer a questão do autismo. Admitir a questão do autismo. Buscar apoio de um grupo de pessoas que estejam envolvidas com a mesma questão e que procuram conviver com ela da melhor maneira possível. (MELLO, 2007, p. 14). As famílias ao receberem o diagnóstico de autismo, devem primeiramente fazer pesquisas, com o intuito de conhecer e entender esse transtorno.

Na maioria dos casos as pessoas ao descobrirem que seu familiar é autista não aceitam essa condição, porém é importante que a família admita a questão do autismo e procure ajuda através pessoas que passam pela mesma situação. Dessa forma elas poderão se sentir mais capazes e preparadas para enfrentar e conviver com o autismo. É importante ressaltar que estes distúrbios estão frequentemente associados a várias outras condições.

Os atrasos do desenvolvimento são comuns nas áreas de habilidades intelectuais e na maioria dos casos há uma associação à deficiência mental. (SUPLINO, 2005, p.17) As crianças autistas na maioria dos casos têm uma síndrome associada, ou seja, uma comorbidade. Elas

UNISANTA HUMANITAS -p.56-75-Vol.9 nº2-2020

podem apresentar epilepsia, síndrome de Down, cegueira, surdez, esquizofrenia e até mesmo retardo mental, porém praticamente todas conseguem aprender atividades básicas do cotidiano.

2.1. Reforçadores no autismo

Os reforçadores são muito importantes para aumentar a motivação da criança e a probabilidade de ela realizar o que for solicitado. Os reforçadores variam muito de criança para criança. Os seus itens de preferências podem ser brinquedos, jogos, alimentos, passeios, entre outros.

Mas é importante saber o momento certo de entregar os reforçadores, para garantir que o valor deles seja mantido, facilitando assim o ensino das habilidades. Pensando nisso, o momento correto de oferecer às crianças o acesso aos reforçadores.

Os reforçadores são as ferramentas mais importantes nos programas de aquisição de habilidades e redução de comportamentos-problema. Eles devem ser mostrados para a criança antes do início da tarefa, para que ela saiba que o acesso a ele depende do seu desempenho na tarefa.

Depois de mostrado, o reforçador deve ser mantido fora da visão da criança, até que a tarefa seja concluída. Isso evita que ela foque a sua atenção no reforçador em vez de se concentrar na tarefa. Ao utilizá-los, há alguns cuidados que devem, ser considerados antes de oferecer os itens à criança, visto que o valor dos reforçadores pode mudar com o tempo.

Caso a criança apresente comportamento-problema, o reforçador não deve ser entregue a ela, pois isso poderia resultar em uma maior dificuldade para reduzir os problemas.

O uso auxilia no processo de ensino aprendizagem em atividades que necessitam de habilidades para crianças com atraso no desenvolvimento, como o autismo, é muito importante para aumentar a cooperação da criança e a probabilidade de ela realizar o que for solicitado.

2.2. Métodos com reforçadores

Existem várias sugestões para se usar os reforçadores e para que esses tenham melhor aplicabilidade; dentre elas podemos citar:

- Os reforçadores usados durante a aula e vem ser fornecidos à criança fora das sessões. Isso pode diminuir o valor do reforçador, fazendo a criança perder a motivação para obtê-lo.
- A relevância dos reforçadores para a criança pode mudar com o tempo. Se isso acontecer, suspenda temporariamente o uso do reforçador, até ele se tornar reforçador novamente.
- Evite relacionar a entrega de um reforçador específico com uma demanda muito trabalhosa para a criança, pois isso pode tornar ele menos motivador para a criança.
- Os reforçadores devem ser colocados em uma hierarquia. Os reforçadores mais motivadores devem ser usados para tarefas mais difíceis e os menos motivadores para tarefas mais fáceis.

2.3. Linguagens e fala no autismo

A dificuldade com o desenvolvimento da linguagem e da fala é uma das principais características apresentadas pelas crianças autistas.

Essa dificuldade costuma ser um dos primeiros sinais do autismo identificados nas crianças pelos pais. Mas é importante compreender a diferença entre a linguagem e fala para poder identificar onde exatamente está o déficit da criança.

Autistas podem apresentar déficits na linguagem, na fala ou em ambas. É importante saber diferenciar a linguagem e a fala para poder identificar onde realmente está o problema.

A linguagem refere-se à forma como usamos as palavras para compartilhar as nossas ideias e obter o que desejamos. A linguagem envolve:

- O significado;
- A forma como as palavras são colocadas juntas;
- O que devemos falar em diferentes momentos;
- A mudança das palavras (ex.: amigo, amigável).

Já a fala refere-se à forma como pronunciamos os sons e as palavras. A fala inclui:

- Articulação: como expressamos os sons usando a boca, os lábios e a língua;

- Voz: como usamos as cordas vocais e a respiração para produzir sons;
- Fluência: o ritmo da fala.

2.4. Características importantes dos autistas

Autistas costumam apresentar características que são verdadeiros talentos, mas que infelizmente ainda são desconhecidas por muitas pessoas. Uma delas é a grande capacidade de concentração, que é muito útil em tarefas escolares que necessitam de atenção concentrada e paciência para realizar, o que nem todas as pessoas têm.

Eles não dão muito valor para coisas que podem ser importantes para muitas pessoas como aparência, status social, porque as expectativas sociais não são importantes para eles. Outra característica é eles serem muito diretos, eles falam o que realmente estão pensando, sem segundas intenções. Eles não julgam as outras pessoas e se demonstram que gostam de você, é por que gostam de verdade.

Autistas costumam ser muito criativos. A capacidade de eles pensarem “fora da caixa” faz eles imaginarem coisas que as outras pessoas muitas vezes não conseguem. Eles tem também um forte senso de justiça e do que é certo e errado. Eles têm uma tendência de se envolverem e se dedicarem fortemente a uma causa que mexa com eles.

É muito importante citar que nem todas essas características estão presentes em todos eles, mas isso varia de autista para autista.

3. Sobre a aprendizagem e educação inclusiva – Método TEACCH

Para se desenvolver um trabalho em sala de aula com alunos com TEA, é preciso que os professores se adaptem e tenham recursos para a aprendizagem e motivação durante as atividades propostas.

Segundo BRASIL (2009), os professores que atuam em salas de recursos multifuncionais ou AEE tem a função de elaborar e executar os planos AEE da instituição atuante, além do plano individualizado de cada alunos que frequenta a sala de AEE, juntamente

UNISANTA HUMANITAS -p.56-75-Vol.9 nº2-2020

com os demais professores de ensino regular, com a participação das famílias e em interface com os demais serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros necessários ao atendimento.

Existem vários métodos para se ensinar crianças com autismo, nessa pesquisa discorreremos sobre o Método TEACCH, que é um dos métodos utilizados para auxiliar no desenvolvimento e motivação do aluno com TEA é o TEACCH, que segundo os autores Fonseca e Ciola (2014, p.34), esse método trabalha com os princípios da organização, rotina, tarefas estruturadas, ensino de relações de causa versus efeito, comunicação alternativa, espaço com suas funções, delimitações físicas, eliminação de estímulos concorrentes e controle do comportamento.

O Método TEACCH (Treatment and of Autistic and Related Communication Handicapped Children), que traduzido em português significa Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação, é um programa de intervenção educacional e clínica, conforme afirma Schwsraztman (1995).

O TEACCH é um trabalho de intervenção baseado na determinação de objetivos bem definidos e direcionados aos comportamentos que se pretender mudar, com o propósito de extinguir ou amenizar comportamentos indesejáveis, reforçando positivamente. Segundo Schwsraztman (1995), o reforço positivo dos estímulos aumenta a probabilidade das condutas entendidas como adequadas e negativas para serem realizadas na convivência social.

É necessário avaliar o nível de autismo da criança, considerando os três níveis apresentados nesse método que são leve, médio e severo, dependendo das características de cada aluno, podendo assim entender a necessidade desses educando, propondo atividades pensadas individualmente para cada um.

Partindo do ponto de vista de uma compreensão mais aprofundada da criança e das ferramentas de que o professor dispõe para lhe dar apoio, cada professor pode adaptar as ideias gerais que lhe serão oferecidas ao espaço de sala de aula e aos recursos disponíveis, e até mesmo às características de sua própria personalidade, desde que, é claro, compreenda e respeite as características próprias de seus alunos (MELLO, 2000).

Conforme explica Rodrigues (2017), o TEACCH se baseia na adaptação do ambiente para facilitar a compreensão da criança em relação a seu local de trabalho e ao que se espera dela. Por meio da organização do ambiente e das tarefas de cada aluno, o TEACCH visa o desenvolvimento da independência do aluno de forma que ele precise do professor para o aprendizado de atividades novas, mas possibilitando-lhe ocupar grande parte de seu tempo de forma independente.

O ensino estruturado tem como base a estruturação externa do espaço, tempo, materiais e atividades, promovendo assim uma organização interna que permite à criança uma facilidade na sua aprendizagem e na sua autonomia, diminuindo a probabilidade de existirem problemas de comportamento. Assim é possível: a) fornecer uma informação clara e objetiva das rotinas; b) manter um ambiente calmo e previsível; c) atender à sensibilidade do aluno aos estímulos sensoriais; d) propor tarefas diárias que o aluno é capaz de realizar; e) promover a autonomia. (DGIDC, 2008, p. 17)

As principais vantagens da metodologia TEACCH segundo Lima (2012) são:

a) respeitar e adequar-se às características de cada criança; b) centrar-se nas áreas fortes encontradas no autismo; c) adaptar-se à funcionalidade e necessidades de cada criança; d) envolver a família e todos os que intervêm no processo educativo; e) diminuir as dificuldades ao nível da linguagem receptiva; f) diminuir os problemas de comportamento; g) aumentar as possibilidades de comunicação e h) permitir diversidade de contextos. (p. 48).

Segundo a DGIDC (2008) a organização do espaço deve ser estruturado de forma visualmente clara com áreas bem definidas permitindo assim à criança que obtenha informação e se organize mais autonomamente para garantir a sua estabilidade e favorecer as aprendizagens.

Depois que foi definido o espaço e as condições da sala, o professor está pronto para começar a estruturar as áreas de aprendizado e treinamento.

“Definir áreas específicas para tarefas de aprendizado específicas, identificar com clareza os limites e fazer materiais facilmente acessíveis ajudam os alunos a saberem de forma independente onde devem estar e onde obter seus próprios materiais” (FONSECA; CIOLA, 2014).

O professor deve sistematizar e organizar os métodos de ensino com a finalidade de ensinar de forma eficaz. Além de usar gestos, as instruções podem também ser dadas por meio de dicas visuais, tais como apresentar e posicionar materiais de forma sistemática, em uma sequência, assim como utilizar desenhos e instruções escritas (FONSECA; CIOLA, 2014).

Assim, o professor não precisa ficar repetindo as instruções, uma vez que está tudo em seu devido lugar sempre, a criança autista vai estruturando uma forma de realizar tal atividade, a sua maneira. Sempre sistematizando as tarefas, da esquerda para direita, com começo, meio e fim, e de forma clara, consistente e direcionada, que segundo Fonseca e Ciola (2014) é uma “aprendizagem sem erro”.

Segundo Ferreira (2016) o professor, portanto, pode oferecer ajuda total usando apoio de mão, até que possa ir diminuindo seu nível de orientação a ponto de o aluno fazer a tarefa sem ajuda, de forma independente. Sendo assim, a ajuda é gradativamente retirada, passando da ajuda física total, a independência.

3.1. Estrutura TEACCH na sala de aula: inclusão do aluno autista na rede regular de ensino

A vida escolar é essencial e uma experiência que todos precisam vivenciar. É na instituição de ensino que a criança aprende a se socializar, conviver em grupo, a ter autonomia das suas atividades e trabalhar em grupo, mas principalmente, conviver com as diferenças de cada colega de sala.

Na escola, a criança autista não pode fazer tudo o que fazia em casa, ela será solicitada a brincar em grupo e manter atividades com objetivos específicos, de acordo com a orientação dos professores.

O desempenho escolar das crianças com autismo depende muito do nível de acometimento do transtorno. Para crianças com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que têm maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos

repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012).

Na cartilha dos Direitos das Pessoas com Autismo, elaborada pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo (2011), diz que as pessoas com autismo têm os mesmos direitos, previstos na Constituição Federal de 1988 e outras leis do país, que são garantidos a todas as pessoas.

[...] crianças e adolescentes com autismo tem direito à educação é obrigação do Estado garantir atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência preferencialmente na rede regular de ensino, já que toda a criança e adolescente têm direito à educação para garantir seu pleno desenvolvimento como pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. (ECA, art.54).

Inclusão é uma política que busca perceber e atender as necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012).

Para Aranha (1993) não há dúvidas quanto à aprendizagem do aluno com TEA, o importante está em compreender como ocorre este processo, já que as manifestações clínicas estão diretamente relacionadas a este processo. Este deverá ocorrer por meio da previsibilidade, de forma concreta com associação em relação às suas sensações, direções visuais, rotinas diárias, comunicações definidas, práticas sem erros e situações de auxílio, repetições, propostas de atividades que tenham começo, meio e fim, uma educação clara, manejo para com os estímulos distratores, monitoração, ordem nas atividades e repouso, destaques e resistência, e principalmente de forma simplificada.

3.2. O ensino Estruturado

O Método TEACCH é um ensino estruturado, que funciona como facilitador de aprendizagem para crianças autistas no ensino regular.

O método TEACCH não utiliza o ensino estruturado como uma técnica para organizar o ensino da criança, mas sim para encontrar a forma de estrutura e organização que melhor se

adapte à criança e pela qual ela possa compreender melhor o seu ambiente e, assim, aprender de forma mais eficiente.

Fonseca e Ciola (2014), lista alguns itens que dizem a importância da estrutura do material para autistas como:

1. Ajuda na organização das dificuldades com memória sequencial e organização do tempo;
2. Orienta a criança a compreender o que o material espera dela;
3. Diminui o nível de ansiedade e, portanto, reduz a possibilidade do aparecimento de comportamentos inadaptados;
4. Define o tempo de dedicação a uma determinada tarefa;
5. Orienta o aluno a trabalhar sem muita interferência do adulto, aumentando a autonomia;
6. Ensina conceitos claros e definidos;
7. Diminui o bombardeio sensorial advindo das informações muito complexas;
8. Reduz a dificuldade na compreensão de tarefas com muitos elementos;
9. Ajuda a aumentar a motivação do aluno perante as atividades acadêmicas;
10. Introduce aspectos pedagógicos compatíveis com a seriação escolar eliminando temas difusos e propostas inadequadas;
11. Potencializa as facilidades visuais da pessoa com autismo aumentando o foco atencional;
12. Apresenta os materiais a partir de padrões fixos (em áreas determinadas e direções definidas);
13. Oferece consistência e beneficia o processamento cerebral responsável pelas habilidades visuais;
14. Planeja as atividades passo a passo organizando a estrutura da tarefa;
15. Organiza atividades utilizando recursos de baixo custo e fácil execução.

Cabe ao educador fazer o mundo ser compreensível, ajudar o aluno autista a organizar as informações; tornar o ilógico, lógico; transformar o “bombardeio sensorial” em algo tolerável. Estrutura é, nesta concepção a chave para o sucesso. (FONSECA; CIOLA, 2014 p. 79).

O Programa TEACCH é de baixo custo; as tarefas são confeccionadas com recursos do dia a dia a partir do que cada aluno necessita. De acordo com Fonseca e Ciola (2014), recomenda-se que nesta abordagem haja um envolvimento real de todos que estarão em contato

UNISANTA HUMANITAS -p.56-75-Vol.9 nº2-2020

com a criança, para planejar o que será feito com base em um currículo, para selecionar os materiais e até mesmo para confeccionar as adaptações.

Os sistemas de trabalho utilizados pelo TEACCH são assim denominados, por envolverem um processo de construção de tarefas que inclui como selecionar os materiais, como localizar a atividade, como proceder ao que está sendo solicitada, a orientação guiada pelo educador, a execução visualmente mediada e o conceito de fim, dentre outras. (FONSECA; CIOLA, 2014). Desta forma, podemos classificá-los

Para orientar o aluno nas atividades, o material visualmente organizado é dividido em área de armazenamento e área de execução. A área de armazenamento é a parte extrema esquerda (ou superior) do material onde se depositam os estímulos móveis que serão transferidos para a parte direita da tarefa ou lugar.

4. MOTIVAÇÃO

A palavra de motivação, ou motivo, refere-se aquilo que move uma pessoa ou que põe em ação ou a faz mudar o curso. (BZUNECK, 2009, p.9).

Motivação é um “conjunto de processos que dão ao comportamento uma intensidade, uma direção determinada e uma forma de desenvolvimento próprias da atividade individual”. (Houaiss 2009, pág.1323),

Motivação é um termo subjetivo, variando de pessoa para pessoa. A motivação e o emocional caminham juntos de forma que se tornam cruciais para que haja a afetividade é um elo importante que liga o aluno ao professor, e torna-se o fundamental para motivar a do aluno.

“Os afetos podem ser produzidos fora do indivíduo, isto é, a partir de um estímulo externo - do meio físico ou social - ao qual se atribui um significado com tonalidade afetiva: agradável ou desagradável, por exemplo. A origem dos afetos pode também nascer, surgir do interior do indivíduo.” (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 1999, p. 251).

O professor sempre que possível deve procurar motivar seus alunos por meio de aulas criativas e interativas. Para que haja um melhor desempenho dos alunos e melhor aprendizagem. Aulas sem finalidades de desvalorizar as conquistas das crianças, sempre enaltecendo o esforço e o empenho e com possibilidade de premia-los por sua boa devolutiva. Estas atitudes fortalece o elo professor-aluno garantindo uma aprendizagem de qualidade.

UNISANTA HUMANITAS -p.56-75-Vol.9 nº2-2020

É necessário que haja cautela em suas propostas, o professor não deve motivar a criança de forma que instigue seu lado competitivo, é valido lembrar ao aluno que ele deve realizar as propostas em seu tempo. As atividades propostas devem ser significativas, solicitando da criança concentração e seriedade para fazer as atividades.

4.1. A motivação e aprendizagem da criança autista

Na Lei nº 9.394/96 - Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) define educação especial, assegura o atendimento aos educandos com necessidades especiais e estabelece critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial para fins de [apoio técnico](#) e financeiro pelo poder público.

Visto que existem diversos tipos de autismo, suas características variam de acordo com a variedade e conseqüentemente o processo de aprendizagem, então deve haver necessidade de adequação do trabalho pedagógico para cada aluno.

Santos (2008) afirma que a escola tem um papel importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de interação social da criança separada de seus familiares. É onde a criança vai ter maior dificuldade em se adaptar às regras sociais, o que é muito difícil para um autista.

5. CONSIDERAÇÕES

A inclusão da criança com TEA deve estar muito além da sua presença na sala de aula, deve almejar, sobretudo, a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e potencialidades, superando as dificuldades. No entanto, o que é visto nas escolas regulares é a oferta de vagas para inserir essas crianças, mas, não se promove modificações nas práticas pedagógicas. Portanto, não se faz inclusão.

A partir dos estudos realizados, percebemos que para haver o acesso a uma educação para “todos”, é necessário um comprometimento por parte dos alunos, professores, pais, comunidade, ou seja, todos que participem da vida escolar da criança com autismo.

Além do envolvimento da escola e comunidade, é necessário que a escola possua as condições necessárias e adequadas à sua disposição, para atender as necessidades e garantir o acesso e permanência desses alunos.

É preciso que o professor tenha um olhar atento às necessidades de cada aluno, foque em suas potencialidades e não em suas dificuldades, para que de fato esse aluno se sinta incluído e assim se efetive o ensino-aprendizagem.

Outro fator importante para a educação do autista é o currículo. Este deve levar a autonomia do sujeito, tornando-o capaz de desenvolver atividades do cotidiano, que atue no desenvolvimento da autonomia da criança autista. Pois, quando a escola aplica na prática o que há na teoria, novos conhecimentos e comportamentos passam a ser desenvolvidos no aluno, e assim seus déficits sociais passam a ser ultrapassados e a escola se tornará verdadeiramente inclusiva.

Portanto, para ensinar crianças e adolescentes com TEA, é preciso que o professor olhe para a criança seja ela com autismo ou outra deficiência e a veja como um sujeito capaz de aprender. Todos aprendem, basta que se tenha um olhar reflexivo e consciência daquilo que se quer ensinar. Os especialistas em educação já sabem que mesmo que duas pessoas apresentem o mesmo diagnóstico, elas podem reagir de modos diferentes a uma mesma proposta pedagógica, assim como os demais alunos que não apresentam transtorno algum. Por isso, o que funciona para um estudante pode não funcionar para outro.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S.L.F. (1993). **A interação social e o desenvolvimento humano**. Temas em Psicologia, 3,19-28.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T.; **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1993.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9 394, de 20 de dezembro de 1996**.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Brasília, 2009.

BZUNECK, J. A. (Org.). **A Motivação do aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea**. Petrópolis, RJ. Vozes, p. 09- 36, 2009.

COSTA, Bénard da. **Promoção da educação inclusiva em Portugal**. Fundamentos e sugestões. Lisboa, (2006).

Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. (2008). **Unidades de ensino estruturado para alunos com perturbações do espectro do autismo: normas orientadoras**. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Ferreira, Patrícia Palmerino Terra (2016). **A Inclusão da Estrutura TEACCH na Educação Básica**. Frutal-MG: Prospectiva.

FONSECA, Maria Elisa; CIOLA, Juliana de Cássia. **Vejo e Aprendo: Fundamentos do Programa TEACCH. O Ensino Estruturado para Pessoas com Autismo**. 1º edição. Book Toy, 2014.

HOUAISS, A. (2009) **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Editora Objetiva.

KANNER, L. **Autistic Disturbances of Affective Contact**. Nervous Child, vol. 2, 217-150, 1943.

Lima, C. B. (2012). **Perturbações do espectro do autismo: manual prático de intervenção**. Lisboa: Lidel

MELO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

MENDES, Maria Aline Silva. **A Importância da Ludicidade no Desenvolvimento de Crianças Autistas**. UnB/UAB. Brasília, 2015. Disponível em <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf>. Acesso em 22 ago. 2020.

NOGUEIRA, Tânia. **Um novo olhar sobre o mundo oculto do autismo**. Revista Época. São Paulo: Editora Globo, nº 473, p. 76-85. Jun, 2007.

PDE, Cadernos. **O professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense**. Versão Online, ISBN 978-85-8015-053-7. Vol. II. 2009

PEREIRA, Marilu Mourão. **A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino superior**. UNIrevista - Vol. 1, nº 2: 2006.

Rodrigues, Leandro. **Autismo: Método ABA ou Método TEACCH**. 31, mar. 2017. Disponível em <<https://institutoitard.com.br/autismo-metodo-aba-ou-metodo-teacch/>>. Acesso em 25 de ago. 2020.

UNISANTA HUMANITAS -p.56-75-Vol.9 nº2-2020

SANTOS, Cristiane Fontes dos. SANTOS, Herica Carmen dos. SANTANA, Maria Jussara de. **O Processo de Aprendizagem de Crianças Autistas.** Disponível em <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf>>. Acesso em 24 jul. 2020

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar.** São Paulo: CRDA, 2008.

SCHWARSTZMAN, J. S.; ASSUMPÇÃO, F. B. Jr. e Colaboradores. **Autismo Infantil.** Memnon Edições Científicas. São Paulo, 1995.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; REVELES, Leandro Thadeu; GAIATO, Mayra Bonifácio. **Mundo Singular – Entenda o Autismo.** 1º edição. Fontanar, 2012.

STELZER, F. G. **Uma pequena história do autismo.** Caderno Pandorga de Autismo, vol. 1, jun 2010.

SUPLINO, Marise. **Currículo funcional natural: guia prático para educação na área do autismo e deficiência mental.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Maceió, 2005.